

A Mulher Mastectomizada

The Woman and the Mastectomy

Roque Andrade *

Os seios são o único atributo feminino capaz de identificar natural e inequivocamente uma mulher, sem o despudor da nudez. A silhueta das mamas é que confere à adolescente o sinal público da sua feminilidade e da sua lenta passagem à assunção da condição plena de mulher. O ser humano, como um todo, está na ponta do processo evolutivo das espécies, mas a mulher vai algo adiante do homem, não pelos diferenciais da genitália, a doçura da voz, as feições curvilíneas do corpo ou até mesmo as peculiaríssimas especialidades do seu espírito o que a mantém um passo à frente são as mamas, provedoras do leite primordial que sustenta a vida e é o símbolo transcendental da imortalidade. Ao leite está associada a simbologia da abundância, da fertilidade, do conhecimento, do sentido iniciatório do homem, do crescimento espiritual e da vida eterna. Zeus quis conferir poderes divinos e a imortalidade a seu filho Hércules, colocando-o furtivamente, com a cumplicidade de Mercúrio, a sugar o leite da deusa Juno adormecida. O bastardo infante mamou com tanta volúpia que a esposa de Zeus acordou e espavorida, ao repelir afoitamente a ignomínia, fez espargirem-se no espaço sideral gotas do seu leite, que de pronto se transformaram em um caminho pontilhado por bilhões de estrelas, a Via Láctea, a galáxia em cujo seio todos vivemos. Assim como Hércules sugou o leite da imortalidade, na mitologia egípcia também o faraó, amamentado por uma deusa, alcançava por este ritual uma nova existência, inteiramente divina, de onde tirava a força para garantir sobre a terra a sua missão soberana. Era também leite que se vertia sobre as 365 mesas de oferendas que cercavam o túmulo de Osíris, o deus Sol, tantas mesas quantos dias no ano, e essas aspersões faziam o deus ressuscitar todas as manhãs, clareando e energizando o Universo. Os seios, além de fonte primordial do leite, e portanto da eternidade, simbolizam a segurança, a maternidade, e o refúgio. É deles que flui a vida, como uma dádiva do céu. O seio direito simboliza o Sol, o esquerdo a Lua. Mas eles, como todo receptáculo e símbolo maternal, carregam também uma promessa de regenerescência, assim é que "a volta ao seio da terra", como toda morte, assinala o prelúdio de um renascimento. Assim como "O seio de Abraão" designa o lugar de repouso dos justos, à espera da graça da ressurreição e por isto ele é lembrado em todas as liturgias funerárias. A autêntica feminilidade da mulher, grande parte do seu fascínio, reside exatamente na sedução dos seios, seja pela realidade consciente e objetiva de seus eróticos contornos, seja pela mensagem subliminar de tantos mitos impregnados milenarmente no inconsciente coletivo. A tradição árabe, desde os tempos auspiciosos dos califados de Bagdad - das Mil e uma noites de Damasco, e de Córdoba, na Espanha Sarracena - quando a civilização moura febricitava sobre o mundo, sob o Califa Haroun Al Raschid, sempre acreditou,

e ensinou, que só haviam três caminhos para se encontrar a felicidade na terra nas páginas de um bom livro (a erudição); no lombo de um bom cavalo (coragem, destemor); e nos seios da mulher (amor, eternidade).

A identificação da mulher com o pecado, implícita na lenda do Jardim Edênico, é um dos mais cruéis desvios impostos à natureza e à história da civilização, posto não haver felicidade humana sem mulher "- a semente é o símbolo mágico do ciclo infinito". Há ainda, nos seios, uma cumplicidade visceral com a mulher eles são os ornamentos que não se manifestam desde o berço, ao nascer. Despontam exatamente quando a jovem inicia a sua jornada heróica de mulher e se modelam quando ela está pronta às sagradas missões que a vida lhe confere, como um atestado de competência ou o passaporte com que se há de apresentar às delícias e provações do mundo. É como se eles lhe sussurrassem aos ouvidos dúbios vá cumprir o teu destino, tu já és plenamente mulher!...

Cumprir o teu destino, plenamente mulher! E os poetas de todos os tempos te haverão de saudar, nas tranças dos teus cabelos; nos contornos das linhas sedícias; no aroma do teu corpo em flor, no teu canto de sereia, sedutor; na redoma dos teus seios de alabastro. E te dirão, mulher, quando eventualmente lhes negar os seios, a suprema dádiva da felicidade e da eternidade.

"Teus seios, são dois frutos proibidos,
maduros pomos que me fogem à mão.
Promessas e prazeres não vividos,
Jardim do Éden que não teve Adão.

Encantos de perfumes coloridos,
recamos do teu corpo, sedução ...
Buquês de rosas nem sequer colhidos
e pétalas perdidas pelo chão.

Não os festeja o beijo apaixonado,
nem a volúpia do teu bem amado
neles encontra calmaria e cais.

É que não sabes, o calor do seio
semelha um porto, de amarras cheio,
e atraca amantes, que não zarpam mais."

Seios Proibidos
Ernane N. A. Gusmão

Mas não! Mulher inteira serás, magnânima, generosa, mesmo que o destino te arranque um seio. Ou até dois. Os seios são um símbolo tão forte, deixam impregnada no cérebro a marca indelével da sua representação. Com reconstrução ou sem reconstrução. Com reparação ou sem reparação. Com remodelagem ou sem remodelagem, serás sempre mulher, um passo à frente

* Oncologista Clínico. Diretor Médico da ONCO - Sociedade de Oncologia da Bahia. Diretor de Marketing da Associação Médica Brasileira

na ponta do processo evolutivo da espécie. A Mastectomia é algo a princípio doloroso, por vezes trágico, mas nem por isto negador da feminilidade, do aguerrido e afirmativo espírito da mulher. A Mastectomia é algo a que alguém se submete, na porfia, na luta do dia-a-dia, na afirmação do ser intimorato que aceita e enfrenta galhardamente as tormentas da vida, em nome do sagrado direito de viver. Vou contar-te, mulher mastectomizada, uma estória, meio lendária mas muito explícita do que podem construir mulheres de um peito só. As Amazonas. Elas eram guerreiras, e tão destemidas como as Valquírias, ninfas do palácio do deus Votan, que em seus corcéis rápidos como nuvens fagueiras, desdobravam-se em exemplos de bravura, oscilando entre a embriaguez dos arrebatamentos e a ternura das recompensas. As Amazonas representam uma sobrevivência, ou reminiscência, das sociedades matriarcais. Costumavam amputar ou queimar um dos seios - geralmente o direito - para melhor apoio do arco retesado ou da lança, tão corriqueiramente utilizados em suas guerras e escaramuças. Eram filhas de Marte, o deus da Guerra. Não importa aqui recordar as difíceis relações das Amazonas com os homens, mas elas foram heróicas aliadas do povo troiano, contra os gregos, na Guerra de Tróia. Seu ímpeto só se desfez quando sua impetuosa rainha Pentésiléia, enfrentando os helenos em grande desvantagem, tombou com um profundo golpe de lança no peito direito, desferido pelos também heróicos Aquiles e Ajax. A rainha e seu cavalo rolaram na poeira e a alma de guerreira que ela possuía abandonou o corpo feminino da Amazona. Aquiles, feliz com sua vitória, observando o corpo inerte de Pentésiléia, admirou a finura e o brilho de seus cativantes atrativos. Até na morte uma graça divina brilhava sobre o seu rosto de mulher - os gregos viram em seu esplendor todo o encanto e a graça de Ártemis, a Diana dos latinos, deusa da Caça. Todos à sua volta desejaram as carícias de uma mulher tão bela e o próprio Aquiles sentiu em seu coração um lancinante arrependimento por havê-la imolado - a Rainha das Amazonas, a guerreira de um peito só, brava na vida admirada, ainda, na morte, e desejada por todos os mortais que a viram. O tempo das Amazonas passou. Restou-lhes a lenda.

O patronímico Amazonas - do grego *A = sem*, *mazon = seio*, ficou na História, na Mitologia, em antropônimos atuais e especialmente na nomeação da maior reserva ecológica do Planeta, em extensão, biodiversidade, recursos naturais e hidrografia, a nossa Amazônia - peito e pulmão do mundo. A Amazônia respira pelo planeta. E tem um peito só, a formidável hiléia subequatorial. Por mais que a tenham amputado em suas reservas, ela está aí, reafirmando a sua presença e rugindo, alto e bom som, a força e a importância de sua floresta verde perenifólia. As Amazonas. A Amazônia. Elas são como as mulheres mastectomizadas. Têm peito e têm raça. Nunca desistem. Se caírem um dia, cairão de pé, amparadas na lança ou no machado. Mas deixarão um exemplo. O exemplo da luta. De um peito, que é o símbolo da imortalidade.

A AMAZONA

REFERÊNCIAS

1. Ions, Verônica., História Ilustrada da Mitologia, Primeira Edição Brasileira, 1999
2. Bulfinch, Thomas., 1796-1867 - O Livro de Ouro da Mitologia: (a idade da fábula): História de Deuses e Heróis, Ed. Ouro, 2002
3. Gusmão, Ernane Nelson Antunes, 1941, Ursa Maior Versos e Apontamentos, Press Color Ltda., 1989